

Economia - Brasil

QUEDA-DE-BRAÇO: Para ex-ministro, haverá uma crise financeira, independentemente de quem for eleito presidente

'Banco Central cometeu o pecado da soberba'

Economista diz que o governo é responsável pela crise financeira e chama possível vitória de Lula de explosiva

ENTREVISTA

L. C. Mendonça de Barros

O economista e ex-ministro Luiz Carlos Mendonça de Barros não poupa críticas à equipe econômica e à cúpula do Banco Central, considerados os responsáveis pela queda-de-

Gilberto Scofield Jr.

O GLOBO: Afinal, que problema atravessa a economia: as chances de um governo de esquerda ganhar a eleição ou um endividamento tão alto que, qualquer que seja o vencedor, será obrigado a negociá-lo?

LUIZ CARLOS MENDONÇA DE BARROS: A crise que tomou conta do mercado financeiro nas últimas semanas tem uma dinâmica muito interessante. Iniciada a partir de uma frustração em relação às eleições presidenciais, com a percepção de que a força eleitoral de Lula era muito maior do que a percebida pelos mercados, ela tem hoje uma motivação muito mais preocupante. As dúvidas de hoje são sobre a qualidade dos fundamentos atuais de nossa economia e a percepção de que uma crise financeira séria vai ocorrer independentemente de quem vença as eleições de outubro e novembro. As dificuldades atuais na rolagem da dívida interna estão ganhando uma dimensão estrutural em função de seu crescimento contínuo nos últimos anos, apesar dos enormes superávits primários que ocorreram. É como se todo o esforço realizado tivesse sido em vão. Evidentemente que, nesse cenário, a vitória de Lula adicionará um ingrediente explosivo após o segundo turno.

• *Com as turbulências na economia provocadas a cada divulgação de pesquisa eleitoral, como devem ficar as taxas de juros e, portanto, o crescimento econômico este ano?*

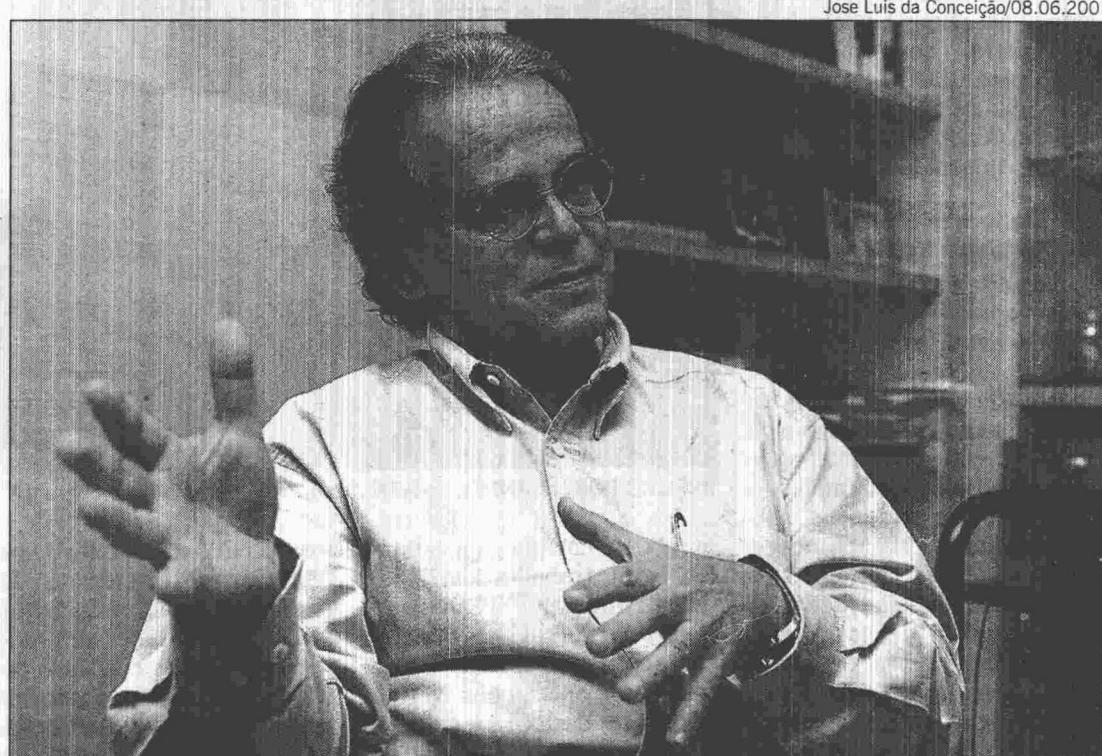
MENDONÇA DE BARROS: O crescimento econômico em 2002 deveria refletir a recuperação que se seguiu à solução da crise de energia elétrica e ao nosso descolamento em relação à crise argentina. Havia um consenso que, com a redução dos juros e a normalização dos fluxos financeiros externos, principalmente via investimentos diretos, a economia cresceria cerca de 2,5% no ano e quase 5% ao ano no último trimestre de 2002. Hoje isso já é um sonho de uma noite de verão, em função de uma condução errada da política mo-

• *Como o senhor avalia o endividamento do país?*

MENDONÇA DE BARROS: O problema do endividamento no país já tem cores de um problema muito sério. Menos pelo

braço que o país trava com o mercado financeiro há dias. Ele diz que a dívida pública incomoda menos pelo seu tamanho e mais pela combinação de juros altos e crescimento pequeno, fenômeno que chama de "malanismo". A atuação do BC também foi re-

provada. "O BC descolou-se do país e da sociedade em que opera, esqueceu-se das eleições e entrou em um transe liberal", diz Mendonça de Barros, que não acredita na eficácia do pacote, pelo menos no segundo turno das eleições, para acalmar o mercado.



Jose Luis da Conceição/08.06.2001

MENDONÇA DE BARROS: "Combinação de juros elevados com crescimento mediocre é marca do 'malanismo'"

netária do BC, de invenções irresponsáveis na gestão da dívida mobiliária, de uma brincadeira liberal com a Petrobras e, agora, com a crise financeira que estamos vivendo.

• *O dólar alto vai afetar o desempenho das empresas? Qual patamar para a moeda estrangeira o senhor considera razoável?*

MENDONÇA DE BARROS: Não é possível hoje prever a taxa de câmbio nos próximos meses diante da crise financeira de hoje e da disputa eleitoral de novembro próximo. Se o BC decidir jogar o jogo liberal do sistema de câmbio

livre, não me assustará uma taxa de câmbio nos próximos meses acima de R\$ 3,00. Se repetir a atuação do ano passado, sacando os recursos do FMI e provendo liquidez para o mercado para fazer frente aos vencimentos de nossa dívida externa nos próximos meses, podemos ter uma taxa de câmbio mais comportada. Além disso, terá de emitir NTN's cambiais curtos em volumes expressivos. Em ambos os cenários, a possibilidade de uma redução dos juros nos próximos meses é remota, o que deve agravar o desaquecimento da economia e dos resultados das empresas que ven-

dem para o mercado interno.

• *A recuperação do setor de bens de capital sinaliza algo?*

MENDONÇA DE BARROS: Sinaliza como eram boas as perspectivas para a economia em 2002 se não fosse a sequência de erros na condução da política econômica!

• *Como o senhor avalia a atuação do BC tanto na administração da dívida pública (trazendo para 2003 datas de vencimento de anos posteriores), quanto na administração dos juros?*

MENDONÇA DE BARROS: O Banco Central em 2001 e no

começo de 2002 cometeu o pecado da soberba. Descolou-se do país e da sociedade em que opera, esqueceu-se das eleições e entrou em um transe liberal. As metas de inflação, a venda de títulos de longo prazo para as carteiras de fundos de investimentos que trabalham com recursos de curto prazo, a implantação de um novo sistema de liquidação financeira no sistema financeiro, que introduziu riscos desconhecidos em um momento de grande instabilidade. Um cardápio realmente explosivo.

• *Vivemos um ataque especulativo, afinal?*

MENDONÇA DE BARROS: Vemos uma crise de confiança terrível em função de problemas estruturais mal avaliados e do risco da transição política nesta situação.

• *O que o governo precisa fazer para garantir crescimento este ano e, no geral, uma transição tranquila?*

MENDONÇA DE BARROS: O crescimento já está perdido. Para uma transição tranquila, eu sugiro sacrifícios virtuosos nos altares de todos os deuses do Olimpo para que a candidatura de Serra decole rapidamente.

• *O senhor acha que o pacote anunciado segura o mercado até as eleições?*

MENDONÇA DE BARROS: Tem uma boa chance de chegar até setembro. Daí para frente, dependerá das pesquisas para o segundo turno. ■